

pode chegar até a 260%

vo governo porque "quem não optou pode pagar"

LUCIO SANTOS
Correspondente

Rio — Se a inflação de janeiro for mesmo aos 15 por cento que empresários, técnicos e o próprio governo estão prevendo, a prestação da casa própria financiada pelo Sistema Financeiro de Habitação poderá ir a 250 ou até 260 por cento, em vez dos 226 por cento, já um recorde, com que se especula. Só um órgão, o próprio BNH, não acredita que esse índice se transforme no grande abacaxi do início do governo Tancredo.

Seu presidente, Nelson da Matta, lembra que ainda está em aberto o esquema da equivalência salarial, pelo qual os mutuários do Sistema podem optar — até 30 dias antes do reajuste, que para a grande maioria ocorre em julho — por um aumento correspondente ao salário mínimo. Os agentes financeiros ainda não contam com um número preciso de mutuários que já optaram, mesmo porque o prazo ainda não encerrou. Mas Matta tem sua tese a respeito: "quem não optou", diz ele, "é porque pode pagar o reajuste com base na correção monetária".

Esse reajuste é que pode passar ao patamar dos 250 por cento. O secretário de Abastecimento e Preços, José Milton Dallari, passou a semana passada em contatos, no Rio e em São Paulo, em esforços desesperados para conter os aumentos de preços.

Dallari está empenhado inclusive em melhorar os critérios adotados pela Fundação Getúlio Vargas no cálculo da inflação e para isso vem realizando reuniões com empresários e economistas da FGV desde setembro último. Trata-se do chamado pacto antiinflacionário, que começou comandado pessoalmente pelo ministro Delfim Netto e agora vem sendo tocado por Dallari, obviamente sob a coordenação do Ministro do Planejamento.

O problema maior, contudo, foi a extraordinária expansão da base monetária em dezembro, da ordem de 37,6% segundo revelou um bem informado banqueiro carioca. Com isso, a expansão da base monetária superou em muito a inflação de 223,8 por cento do ano passado, deixando uma bomba que está começando a explodir agora.

A previsão para a inflação do primeiro trimestre, de um modo geral, está em torno dos 40 por cento, mas ninguém se arisca a dar um prognóstico definitivo sobre a inflação do ano, pois depende do programa eco-

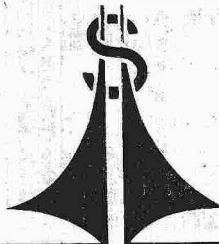


Matta



Simonsen

A Herança de Tancredo



nômico a ser adotado pelo próximo governo. O economista Paulo Guedes, vice-presidente executivo do IBMEC (Instituto Brasileiro do Mercado de Capitais), disse que mantendo-se o quadro atual, não há como a inflação de 85 ser inferior a 300 por cento.

Já o presidente do BNH, Nelson da Matta, conta com uma inflação este ano inferior à do ano passado. Ele tem razões para querer uma inflação este ano inferior à do ano passado. Ele tem razões para querer uma taxa menor, pois com a adoção da equivalência salarial, que reajusta as prestações da casa própria de acordo com a correção dos salários da categoria profissional do mutuário, se a correção monetária e os salários não correrem muito próximos um do outro, o governo terá que injetar recurso no Sistema Financeiro da Habitação. Isto porque, caso contrário, os fundos do BNH não aguentarão o valor do rombo que terão que cobrir no final do contrato, entre o que o mutuário pagou e o seu saldo devedor, que durante todo o tempo continuou sendo corrigido pela correção monetária.

Mas o problema para o Sistema Financeiro da Habitação não é só este. Os agentes financeiros do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE) investem no financiamento de moradia com os re-

ursos captados em caderneta de poupança. Ocorre que a caderneta rende para o depositante correção monetária mais meio por cento ao mês e é garantida pelo governo. Se o retorno desses investimentos, isto é, as prestações pagas pelos mutuários, não der para pagar os depositantes, certamente o setor enfrentará grandes dificuldades, principalmente as empresas independentes, que não possuem o respaldo de um banco por trás, como no caso dos conglomerados financeiros.

CONTROLE DE PREÇOS PALIATIVO

Para o empresário Johanpetter Gerdau a política de controle de preços novamente adotada pelo governo, é um mero paliativo e o grande problema são os excessivos gastos públicos que precisarão ser contidos pelo próximo governo. Ele explicou que não adianta fazer controle de preços quando o próprio governo estoura a base monetária.

Já o ex-ministro Mário Henriques Simonsen explicou que historicamente todo primeiro trimestre tem uma taxa inflacionária alta, no entanto, não quis revelar uma previsão nem para o mês nem para o trimestre. Ele criticou, porém, o anúncio prévio pelo governo do controle de preços, pois isto estimula os empresários a subirem ainda mais os preços, tendo em vista que dentro de pouco tempo eles serão sujeitos a um controle do governo.

Para conseguir reduzir a inflação, Simonsen disse que o próximo governo terá que adotar um programa diferente, cujos pontos ele não quis dizer quais poderiam ser. Para ele, é preciso acabar com o sistema da correção monetária, da forma como existe atualmente, pois corrige os preços para o futuro, baseado numa inflação passada.

Aumento da casa própria

Matta acha que não vai deixar um abacaxi para o no